

ARTIGO - O FANTASMA QUE DANÇA

Dizem que em noite de lua cheia aparece no Teatro José de Alencar uma assombração dançante. Seria a visagem de uma bailarina que vem em busca de olhares e, então, se apresenta em rodopios, se danando a dançar o silêncio. E o que será que sem palavras esse corpo pronuncia? Possivelmente a agonia das últimas falas de uma persona que vai perder a voz. Mas para perscrutar de seus estertores os indícios, é preciso se achegar de soslaio aos ermos próximos à boca de cena.

Segundo o relato de quem diz que viu, o fantasma surge sorrateiro da masmorra do porão, sobe a escada que dá acesso ao espaço cênico, vai até a borda do proscênio e vidra os olhos de estranhamento ante o vazio das frisas, balcões, camarotes e torrinha. Ainda atônito, por se perceber sem plateia naquela ilha de bambolinas e rotundas pretas, instala em seu rosto a máscara da tragédia que começa a articular a boca chamando os espectadores do Além.

De repente um público espectral se instaura. A dançarina estende os pés em ponta nas sapatilhas e dá início a um solo, se agitando e se agigantando em passadas aladas que vão imprimindo rastros de luz pelo chão. De braços diáfanos, bailando de cabeça pendida, desenha formas, envolve o ar, envolta – quem sabe - nas lembranças de seu repertório.

Há quem afirme que a enluarada, com algas e flores agônicas lhe enfeitando a guirlanda, parece imaginar os compassos de uma música que hiberna em sua testa, pois marca na coreografia as tônicas de uma escala que inventa ou escuta e fica zigzagueando pelo palco, em desoras. Às vezes interrompe um movimento, prenúncio de um gesto, cai exausta, comprime o tronco e abraça as pernas. Permanece nesta posição fetal como se assim, embrionária, em uma espécie de invisível placenta, esperasse aquele acontecimento que arrebenta a mãe que arrebata o rebento. Porém, o parto acontece.

O tempo passa e a dançarina, para não ser tragada por uma areia movediça em que de rompante se transformam as tábuas do tablado, volta a se animar e a se debater desejosa de um resgate, por talvez acreditar que o sol do refletor ainda não exauriu de toda a água do lago imaginário onde o cisne em espasmos flutua. Alguns garantem que essa morta que ainda respira rememora e reensaia a própria morte, movendo-se ao som do baticum do tambor do coração. Outros juram que a aluada, Fênix em desvario, ressurgiu das cinzas e das trevas à espera das auroras. De um modo ou de outro, todos confirmam que testemunhando a aparição sentem a angústia e o êxtase da iminência do fim da vida, impressão de que suas almas se evadem vaporosas pelos poros.

Se assim é, se assim é não, não sei não. Conto por ouvir dizer. Porém, o que importa é que, em imagem real ou em irreal imaginação, a luarenta nos pertence e nos faz integrantes do seu clã. Porque também nós, das artes cênicas, insistimos em representar a despeito dos mais inimagináveis contratemplos. Seja propondo políticas ou por vezes nos contrapondo às políticas culturais, seguimos as trilhas da visagem que noite adentro teima em contar novas e recontar velhas histórias.

Somos como mariposas atraídas pela luminosidade que emana da bailarina e vamos, então, contrariando normas e criando formas. Nossos passos se irmanam aos passos daquele espectro, tentando neles emaranhar outras tantas vontades. Afinal, o papel de um ator ou de uma atriz não é tão-somente fazer seu papel; é também cumprir seu papel como ator social, pois, além da persona, há a pessoa, o cidadão que além de representar personagem em uma história avoca a si o direito e o dever de ser personagem da História.

Por isso é que continuamos a sacralizar e profanar aquele palco centenário, rompendo-lhe a crosta enquanto removemos do povo e do tempo as ostras do sentimento e do pensamento, em ato de reinvenção. É para isso que o teatro cearense estará em cena, quinta-feira, dia 17, marco dos cem anos do Teatro Zé da Praça Zé. Merda pra nós que à la Nietzsche cremos dionisiacamente em um Deus que dança.

Ricardo Guilherme - Escritor e encenador - guilherme@uol.com.br

12/06/2010 - Fonte: Jornal O povo:

http://opovo.uol.com.br/app/o-povo/opiniaio/2010/06/12/int_opiniaio,2009392/o-fantasma-que-danca.shtml